

# A CONTRIBUIÇÃO DA HERMENÊUTICA PARA A COMPREENSÃO DAS CIÊNCIAS HUMANAS

Guilherme Arêas Maciel de Araújo Silva

De acordo com Gans-Georg Gadamer,<sup>1</sup> em sua obra *Verdade e Método*, a contribuição da hermenêutica para a compreensão das Ciências Humanas é a de lhes servir como base metodológica. O objetivo é substituir o emprego, nas Ciências Humanas, de um modelo paradigmático estranho ao tipo de conhecimento que lhes é inerente. Somente a hermenêutica, enquanto processo de compreensão e interpretação da linguagem, oferece um modelo não-indutivo eficaz para o reconhecimento do saber próprio às Ciências Humanas. Se o objetivo último do autor, por um lado, é a declaração da hermenêutica como aspecto universal da filosofia, por outro lado, o caminho por ele percorrido nos oferece uma análise crítica com relação à consciência estética e histórica, passando pelas transformações históricas do próprio conceito de hermenêutica, até a conclusão final da obra, a partir da questão da linguagem em si.

A auto-reflexão lógica que acompanhou o desenvolvimento das Ciências Humanas no século XIX é governada pelo modelo advindo das ciências naturais. Herança do conceito de lógica e do triunfo da nova mecânica consagrada pela astronomia newtoniana, modelo para as ciências do século XVIII. As ciências humanas, portanto, não possuiriam sua própria lógica, mas dependeriam do método indutivo, básico para toda ciência experimental, apoiado no estabelecimento de similaridades, regularidades, e conformidades que possibilitariam a previsão de fenômenos individuais e processos.

O problema é que a experiência do mundo sócio-histórico não pode ser edificada por intermédio do procedimento indutivo das ciências naturais. A pesquisa histórica não objetiva resgatar o fenômeno concreto enquanto um instante de uma lei universal, mas compreender como esse acontecimento concreto se desenvolveu e se confirmou em sua manifestação fática específica. O homem é

caracterizado pela quebra com o imediato e o natural como resposta às demandas de sua natureza intelectual, racional. É a natureza universal da cultura (BILDUNG) humana que o faz um ser intelectual universal.

Com o século XVII, o novo conhecimento metodológico da ciência, clamando para si exclusividade, reascendeu a questão se o conceito humanístico de BILDUNG representava ou não uma fonte de verdade. Mas o que oferece direção aos desejos humanos é sua universalidade, concreta, representada pela comunidade de grupo, de povo, de nação, ou da raça humana como um todo. A história é uma fonte de verdade totalmente diferente da razão teórica. As possibilidades da prova racional não esgotam a esfera do conhecimento possível.

Seu apelo ao *sensus communis* contra o racionalismo da escola nos oferece uma aplicação hermenêutica. *Sensus communis*, nesse aspecto, é a

*(...) vívida e penetrante percepção de objetos evidentes a todos os indivíduos humanos, a partir de seu imediato contato e intuição, o qual é absolutamente simples.*

Assim, da mesma forma que natureza é diferente da arte, sentido é diferente da razão. Mas o elemento de verdade que se proclama implícito no sentido de comunidade é afetado pela redução de seu significado enquanto sinônimo de gosto estético, o que é bonito. O estreitamento da noção de *sensus communis* à noção de gosto é acompanhada do estreitamento da própria noção de gosto, originalmente mais um conceito moral do que estético.

Assim, a imputação de uma base filosoficamente transcendental à estética, efetuada por Kant, em *Crítica da Faculdade de Julgar*, representa uma profunda transformação na história das Ciências Humanas. Limitou o conceito de conhecimento ao uso da razão tão

somente, seja ela teórica ou prática.

O conceito de gênio é para Kant o elemento essencial no gosto estético, que facilita o jogo dos poderes mentais do indivíduo, aumenta a vitalidade vinda da harmonia entre imaginação e compreensão e nos convida a nos defrontarmos diante do belo. A genialidade é, em última instância, a manifestação desse espírito vivificante, porquanto o gênio exibe o livre poder de invenção e originalidade que cria novos modelos. O fenômeno da arte e o conceito de gênio se transformaram no centro da estética, ficando o problema da beleza natural e do conceito de gosto, marginalizados.

A partir de então, a arte, enquanto arte da bela aparência, seria contrastada com a realidade prática e compreendida em termos desse contraste. Arte e natureza seriam contrastadas entre si enquanto aparência e realidade. O que Gadamer chama de *diferenciação estética* é a separação da qualidade estética da obra de todos os elementos de conteúdo que nos induzem a captar uma moral ou estado religioso nela contida. Assim, procurar a unidade da obra de arte apenas em função de sua forma é uma redução do fenômeno, uma abstração dogmática, e um formalismo perverso, afirma Gadamer. O conceito de gênio não é próprio, uma vez que, longe de se guiar meramente por impulsos inconscientes, o artista é, em grande medida, direcionado pela técnica, pela consciência dos elementos utilizados em sua obra, ainda que o observador nada mais veja na obra artística do que inspiração e mistério.

Arte é conhecimento e a experimentação de uma obra de arte é participar desse conhecimento. Esse conhecimento é diferente do conhecimento sensorial próprio à construção de ciência (natural), diferente do conhecimento moral racional, e mesmo de todo conhecimento conceitual.

A obra de arte possui sua verdadeira existência no fato de que ela se torna uma experiência que transforma o indivíduo que a experimenta. A tese de Gadamer é a de que a existência da arte não pode ser definida enquanto um objeto de uma consciência estética porque, ao contrário, a atitude estética é mais do que ela conhece a respeito de si própria. Ela é uma parte do evento de existência que ocorre na apresentação, e pertence essencialmente ao jogo enquanto jogo. O jogo é estrutura. Mas estrutura é também jogo porque, a despeito de sua unidade teórica, ela alcança sua completa existência apenas cada

vez que é realizada. A obrigatoriedade da obra de arte,<sup>62</sup> que a distingue do elemento subjetivo está no critério da *correta* representação.

Note-se que a presença do espectador significa participação. A verdadeira existência do espectador não pode ser adequadamente compreendida em termos de subjetividade.

A mediação na obra de arte deve ser pensada como sendo total. Nem o criador da obra, nem aquele que a executa, nem o espectador observando a obra, possuem qualquer legitimidade por si só diante da existência da própria obra de arte. Ao definir tragédia, Aristóteles inclui seu efeito sobre o espectador, que pertence essencialmente à execução da peça. A tragédia é uma unidade de eventos trágicos, seja no palco, seja na vida real, que resiste à toda penetração e interferência. O que é considerado como trágico tem, simplesmente, de ser aceito. A reflexão do pensamento trágico é um tipo de afirmação, um retorno a nós mesmos.

O que é válido para a tragédia é válido para outros contextos, como a literatura ou, especialmente, as artes plásticas. A pintura possui vida própria. Tem uma autonomia que também afeta o original, já que apenas através da pintura um original se torna original.

O autor cita a arquitetura como um tipo notável de arte, resultado de sua dupla função que, de fato, nos mostra uma verdadeira transformação (no sentido de melhoria) da existência: ela satisfaz uma necessidade para a qual foi construída, e adiciona algo de novo naquele determinado espaço, dando-lhe forma. A leitura de um livro será sempre um evento no qual o conteúdo vem à apresentação. Gadamer esclarece que todos os textos escritos participam do mesmo tipo de existência da literatura. Não apenas os religiosos, legais, econômicos, públicos e privados, mas também os textos eruditos que editam e interpretam esses textos. Isto é, as Ciências Humanas, como um todo. É universalmente válido para todos os textos que apenas no processo de compreensão desses textos é que se pode transformar traços mortos de significação em significados vivos. Da mesma forma que a arte só se realiza quando de sua apresentação, a literatura, ela também é atualizada somente quando lida.

A hermenêutica é a disciplina clássica assim considerada enquanto a arte para a compreensão dos textos. E nesse aspecto, o autor propõe a compreensão da hermenêutica sob uma esfera mais ampla, que envolva a

esfera da arte e a complexidade de questões que a envolvem. A arte, a literatura e todos os demais textos requerem compreensão, que deve ser adquirida. Assim, a estética tem de ser absorvida pela hermenêutica. A compreensão tem de ser considerada enquanto parte do evento no qual o significado ocorre, o evento no qual o significado de todas as afirmações - da arte e de todas as outras formas de tradição - são formadas e atualizadas.

A tradição, seja ela arte ou outra criação espiritual do passado, como a lei, a religião, a filosofia, etc., ao tornar-se estranha ao seu significado original depende do descortino e do espírito mediativo. Assim, a hermenêutica adquire seu caráter central com relação às ciências humanas a partir do surgimento da *consciência histórica*.

Segundo Gadamer, ocupa-se em reconstruir o significado original da obra, que se perde com a dissolução do contexto original a partir do qual ela foi erigida, desde que se restaure as circunstâncias e ocasiões originais. Hegel, por sua vez, mesmo admitindo a relevância de uma abordagem histórica à arte do passado, considera fútil uma restauração como aquela proposta por Schleiermacher, sob a forma de uma relação viva, mas tão somente enquanto uma mera representação idealizada. Para Schleiermacher, a compreensão não mais pode ser buscada na *unidade de conteúdo da tradição*, mas onde quer que não haja uma compreensão imediata. Schleiermacher parte do princípio de que a experiência do outro, do estranho, do estrangeiro e a possibilidade de má compreensão são universais.

Apenas quando esgotados todos os recursos da arte da conversação - argumento, pergunta e resposta, objeção e refutação, no diálogo como internamente ao se tentar a compreensão de um texto - é que a individualidade do outro, do externo, se faz aparente e se reconhece sua característica única. O resultado é o alargamento do problema hermenêutico da compreensão da escrita para a compreensão do discurso em geral, e, principalmente, não apenas o exato sentido das palavras e de seus significados, mas da individualidade do orador ou autor. Ao lado da interpretação gramatical, opera-se uma interpretação (técnica) psicológica. O método para a compreensão diz respeito ao que é comum, por comparação, e ao que é único, por intuição.

No entanto, ao libertar a hermenêutica de todo o conteúdo, tornando-a um método

independente, Schleiermacher permite que o intérprete clame superioridade sobre seu objeto, o que é próprio ao espírito racionalista. Conseqüentemente, Dilthey declara que a função do historiador é a de investigar a tradição sob a mesma metodologia aplicável a todo texto: o esquema da totalidade e da parte. A história é, em si mesma, um texto a ser compreendido. Dilthey se impõe como o intérprete da escola histórica.

A questão é como conceber a unidade da história mundial em termos de um ideal formal de história, e como justificar o clamor de que podemos ter o conhecimento da história mundial.

Uma série longa de eventos - sucessivos e simultâneos uns aos outros - conectados entre si, formam um século, uma época, nas palavras de Ranke. Os poderes históricos e não a subjetividade do indivíduo, formam a verdadeira base para o desenvolvimento histórico. A auto-compreensão hermenêutica da escola histórica, como visto em Ranke e Droysen, possui sua fundação última na idéia de uma história universal. Com Droysen e seu método, a hermenêutica, da mesma forma, é o elemento fundamental para o estudo da história. Para ele, a história, vista enquanto atos de liberdade, é tão inteligível e significativa como um texto. O objetivo da pesquisa histórica é a reconstrução do grande texto da história a partir dos fragmentos da tradição.

Mas uma vez que o clamor para se promover uma construção racional da história fora rejeitada, Dilthey procura responder à questão de como a experiência histórica pode se transformar em uma ciência ao procurar descobrir as categorias da história universal que seriam capazes de fundamentar as ciências humanas. O ponto de partida para a teoria epistemológica de Dilthey é a experiência gerada a partir do indivíduo. Ele se utiliza do conceito de estrutura para distinguir o caráter experimental da continuidade psicológica da continuidade causal dos processos naturais.

Ao distinguir as relações no mundo histórico e as relações causais no mundo natural, os conceitos de compreensão e expressão se tomam fundamentais em Dilthey. O indivíduo adquire sua individualidade ao desenvolver seus talentos e ao mesmo tempo experimentando o efeito condicionante das circunstâncias. É o que constitui a unidade inteligível em si mesma, a unidade da vida expressa em cada uma de suas manifestações e que pode assim ser compreendida em cada

uma delas. Para ele, o significado não é um conceito lógico, mas é para ser compreendido enquanto uma expressão da *vida*.

Dilthey justifica o uso de métodos comparativos nas ciências humanas ao afirmar que sua função é a de superar limites acidentais impostos pela série de experiências do indivíduo e se elevar às verdades da universalidade maior. Gadamer questiona se o método comparativo satisfaz realmente a idéia de conhecimento histórico, uma vez que ele teria sido elevado a uma posição central para a definição do conhecimento histórico, dando margem à falsa legitimação para uma reflexão superficial e arbitrária.

Há, portanto, para Dilthey uma comunhão verdadeira entre o procedimento das ciências naturais e o método das ciências humanas. A essência do método experimental consiste em se elevar acima do caso fortuito subjetivo da observação e com a ajuda do método obter o conhecimento das leis naturais. Da mesma forma, as ciências humanas objetivam se elevar metodologicamente acima do caso fortuito de seu próprio ponto de vista da história através da tradição a elas acessível, e assim obter o conhecimento histórico objetivo.

Segundo Gadamer, embora Dilthey combata todo tipo de dogmatismo imposto às ciências humanas, declarando que seu conhecimento não é o mesmo das ciências indutivas, este acaba por fracassar ao tentar fazer esse tipo de demonstração, para o autor, devido à influência do modelo de pensamento cartesiano. É o que podemos comprovar diante de sua concepção da interrogação do passado, não como experiência histórica, mas como um ato visando a decifrar o passado, como se faz a um texto. Husserl procura superar o problema epistemológico através da pesquisa fenomenológica.

O conceito e o fenômeno *horizonte* é de crucial importância na pesquisa fenomênica de Husserl, que procura capturar a forma pela qual toda intencionalidade limitada do significado se une na continuidade fundamental do todo. Husserl chama seu conceito fenomênico de mundo *life-world* (mundo-vida): o mundo no qual estamos submersos em atitude natural que nunca se torna um objeto enquanto tal para nós, mas que representa a base pré-dada de toda experiência. Esse horizonte de mundo é uma pressuposição de toda ciência também. O conceito de mundo-vida é a antítese de todo objetivismo. É um conceito essencialmente histórico, que não se refere a um universo do

ser, a um *mundo existente*.

Para Gadamer, o aspecto mais valioso da contribuição de Yorck está no fato de que a partir da correspondência entre vida e autoconsciência, surge um padrão metodológico que define a natureza e a função da filosofia. Projeção e abstração correspondem ao comportamento primário da vida.

Segundo Heidegger, a compreensão é a forma original de realização de Dasein,<sup>2</sup> que é o ser-no-mundo. O conhecimento histórico, em última instância, possui o mesmo modo de existência que Dasein. O estudo da história se realiza na medida em que somos nós mesmos *históricos*.

Pode-se afirmar que as conseqüências para a hermenêutica das Ciências Humanas advêm da estrutura circular da compreensão a partir da temporalidade de Dasein, como colocado por Heidegger, que define o círculo hermenêutico como o meio em que podemos expor nossos *pré-saber*, *previsões* e *pré-concepções*, de maneira a fazer os temas científicos mais seguros, trabalhando essas pré-estruturas que possuímos em relação às coisas. O importante é estar alerta de nossas próprias prevenções, de tal forma que o texto possa ser apresentado de forma completa como algo externo e assim fazer valer toda sua verdade.

Muito antes de nos compreendermos através do processo de auto-reflexão, já nos compreendíamos de uma forma auto-evidente na família, na sociedade, no Estado em que vivemos. É preciso, afirma Gadamer, considerar a existência de preconceitos legítimos, sendo preciso, para tanto, saber qual a natureza de sua legitimidade. Há preconceitos justificados que produzem conhecimento.

A pesquisa nas Ciências Humanas, que diz respeito à questões específicas da tradição, são motivadas pelo presente e seus interesses. O tema e o objeto de pesquisa são, de fato, constituídos pelo interesse da investigação. O *objeto em si mesmo* não existe de todo. A autocrítica da consciência histórica nos leva finalmente a reconhecer o movimento histórico como um processo de transmissão no qual o passado e o presente são, constantemente, mediatizados. E isto é o que deve ser validado pela teoria hermenêutica.

A descoberta do verdadeiro significado de um texto ou de uma obra de arte não se esgota nunca. Ela é, ao contrário, um processo infinito. A distância temporal que realiza o processo de filtragem não é fixo, mas sofre

constante movimento e expansão. Isto não apenas permite que preconceitos limitados e locais se dissolvam, mas permite que aqueles que nos trazem uma verdadeira compreensão surjam claramente.

A *consciência do ser afetado pela história* é a consciência primeira da *situação hermenêutica*. O que há, de fato, é uma fusão de horizontes. Como revelar essa fusão de forma regulada é a função daquilo que o autor chama de *historically effected consciousness*. É o problema da *aplicação*, encontrado em toda a compreensão.

O conhecimento histórico só pode ser obtido ao se olhar o passado em sua continuidade com o presente - o que é a mesma coisa feita pelo jurista em seu trabalho normativo, prático. O trabalho de interpretação é o de concretizar a lei em cada caso específico. Ou seja, é um trabalho de aplicação. O historiador aborda seus textos da mesma forma que o magistrado aborda suas testemunhas de forma investigatória. Os fatos não são os objetos reais da investigação, mas simples materiais para a verdadeira tarefa do juiz e do historiador - alcançar uma decisão justa e estabelecer a importância histórica de um evento por intermédio da totalidade de sua autoconsciência.

Trata-se, primariamente, de um direcionamento cuidadoso de nossa mente, nos impedindo de fazer generalizações premeditadas, confrontando-a conscientemente com os casos mais remotos e aparentemente diversos, de tal forma que gradualmente e continuamente ela possa aprender a trabalhar, pelo processo de exclusão em direção a axiomas. A experiência não é a própria ciência, mas uma condição necessária para ela.

Se uma nova experiência de um objeto nos ocorre, isto significa que antes não havíamos visto a coisa corretamente e que agora lhe conhecemos melhor. Chamamos esse tipo de experiência de *dialética*. Hegel atesta o elemento dialético na experiência. A idéia é a de que não podemos ter a mesma experiência duas vezes, já que a repetição e a confirmação de uma experiência não mais seria uma experiência.

A genuína experiência é a experiência da própria historicidade do indivíduo. A experiência hermenêutica é relacionada com a tradição. Assim, tradição não é somente um processo que a experiência nos ensina a conhecer e a governar. Ela é linguagem. Aquele que se reflete a si mesmo fora dessa relação

acaba por mudar essa relação e destrói sua ligação moral. O que distingue a consciência historicamente afetada é a postura de se estar disponível, aberto para a experiência.

Enquanto arte de se propor questões, a dialética é a arte de se perguntar sempre além, a arte de pensar. Ela se chama dialética por ser a arte de conduzir um verdadeiro diálogo. O que surge, nesta verdade, é o *logos*, que não se trata da verdade minha ou do outro, mas que transcende as opiniões subjetivas dos interlocutores. Enquanto arte de conduzir uma conversação, a dialética é também a arte de ver as coisas na unidade de um aspecto, é a arte de formar conceitos ao se trabalhar significados comuns.

A interpretação envolve sempre uma relação à questão perguntada pelo intérprete. Compreender um texto significa compreender essa questão, o que só acontece ao se atingir o horizonte hermenêutico, o que o autor chama de o *horizonte da questão*. Assim, a lógica das Ciências Humanas é a lógica da questão. A tarefa da compreensão diz respeito, sobretudo, ao significado do próprio texto. A tradição histórica pode ser compreendida apenas enquanto algo sempre em processo de ser definido pelo curso dos acontecimentos. Ao ser re-atualizados pela compreensão, os textos são levados para dentro de um genuíno curso de acontecimentos da mesma forma que os próprios eventos. É o que Gadamer descreve como *história do efeito*, um elemento da experiência hermenêutica. Assim, a íntima relação entre o questionar e a compreensão é o que dá à experiência hermenêutica sua verdadeira dimensão.

Todo esse processo é verbal. A linguagem é o *medium* (regulador, forma, meio) no qual a compreensão significativa e a concordância se operam entre duas pessoas. A lingüística da compreensão é a *concretização da consciência historicamente afetada*. O significado hermenêutico de que a tradição é essencialmente verbal se torna claro no caso da tradição escrita, onde toda a tradição é contemporânea com cada tempo.

Toda a escrita é um tipo de discurso alienado, e seus sinais tem de ser transformados de volta ao discurso e ao significado. Interpretar uma música ou se executar uma peça de teatro não é basicamente diferente do que compreender um texto pela sua leitura: a compreensão envolve sempre interpretação. A despeito da multiplicidade das formas de discurso, o que

se procura é manter em mente a unidade indissolúvel entre o pensamento e a linguagem como a encontramos no fenômeno hermenêutico, ou seja, enquanto unidade de compreensão e interpretação.

No discurso e, sobretudo, em cada diálogo advindo da tradição nas Ciências Humanas, os conceitos estão em constante processo de formação. A compreensão envolve sempre um elemento de aplicação e assim produz um processo constante de formação de conceitos. A verdade das coisas reside no discurso, o que significa, em último caso, na intenção de um significado unitário que diga respeito às coisas, e não nas palavras individuais. Mas a idealidade do significado reside na própria palavra. Ela já é possuidora de significado. A doutrina da Santa Trindade - o Pai, o Filho, o Espírito Santo -, pedra angular do pensamento cristão é fundamental para a questão tratada nessa obra, uma vez que a concepção cristã da encarnação está intimamente ligada ao problema da palavra. O Mistério da Santa Trindade, o maior desafio para o pensamento da Idade Média, diz respeito à relação entre a fala humana e o pensamento.

São as diferenças entre a palavra divina e humana que nos importam, diz o autor. De forma diferente da palavra divina, a palavra humana é essencialmente incompleta. Ela reflete completamente aquilo que a mente pensa, mas uma vez que nosso intelecto é imperfeito - aquilo que o intelecto sabe não é totalmente apresentado a si mesmo -, se faz necessário a multiplicidade de palavras.

A unidade da palavra (divina) que explica a si mesma na multiplicidade das palavras (humanas) manifesta algo que não é coberta pela estrutura da lógica e que nos traz o caráter da linguagem enquanto evento: o processo de formação do conceito.

Mas a problemática da linguagem não poderia surgir de forma completa até que a combinação escolástica do pensamento cristão com a filosofia aristotélica fosse suplementada por um novo elemento que transformou a distinção entre a mente divina e humana em algo positivo e que adquiriu a maior importância para os tempos modernos, elemento comum a ambos: o criativo. De repente, é de significado positivo que as coisas possam ser articuladas de várias formas de acordo com suas similaridades e diferenças.

Ao se considerar cada língua como um organismo, promove-se um estudo comparativo da larga variedade de meios usados pela mente

humana para exercitar sua capacidade para a linguagem. Humboldt inaugura a lingüística comparativa e a psicologia dos povos. Para ele, existe uma conexão indissolúvel entre a individualidade e a natureza universal. Onde quer que haja a linguagem, o originário poder verbal da mente humana está a operar. A verdadeira importância de Humboldt para o problema da hermenêutica reside, explica Gadamer, em mostrar que a visão-lingüística (*language-view*) é uma visão de mundo. Ele reconheceu que o ato vivo da fala, *verbal energie*, é a essência da linguagem, superando, assim, o dogmatismo dos gramáticos. O mundo enquanto mundo existe para o homem como não existe para nenhuma outra criatura no mundo. E esse mundo é verbal em sua natureza.

O fato de que a experiência humana do mundo é verbal em sua natureza, alarga o horizonte da análise da experiência hermenêutica, diz Gadamer. Qualquer que seja a tradição considerada, será sempre um mundo humano - verbalmente constituído - que se apresentará diante de nós. Mas a multiplicidade dessas visões de mundo não envolve qualquer relativização do *mundo*, já que não estamos lidando com relações entre juízos que têm de se manter livres de contradições, mas com relações vivas. Se mantivermos isso em mente, ensina Gadamer, não mais faremos confusão entre a factibilidade (*Sachlichkeit*) da linguagem e a objetividade (*Objektivität*) da ciência.

A linguagem é a gravação de nossa finitude porque cada língua está constantemente em processo de formação e desenvolvimento, o que acontece quanto mais ela expressa sua experiência de mundo.

A teoria hermenêutica proposta por Gadamer procura mostrar a interconexão entre o evento e a compreensão. A verdadeira ocorrência se torna possível apenas porque a palavra que nos foi trazida pela tradição e à qual escutamos, realmente, nos encontra e de tal forma como se estivesse endereçada a nós e nos diz respeito. Uma vez que a tradição é novamente expressa pela linguagem, algo vem à existência que não existia antes e que passa a existir a partir de agora. Não há, portanto, o ser-em-si.

Essa comunicação lingüística entre o presente e a tradição é o evento que ocorre em toda compreensão. A experiência hermenêutica tem de levar em consideração tudo aquilo que se torna a ela presente como uma experiência genuína. A experiência hermenêutica não

possui uma liberdade prévia para selecionar e rejeitar. Ela não pode desfazer o evento que é ela mesma. Aquele que tem algo a dizer procura e encontra palavras que o façam inteligível ao próximo, o que não significa dizer que ele esteja a proferir afirmações. Mesmo na fala mais cotidiana há um elemento de reflexão especulativa. Cada apropriação da tradição é historicamente diferente. Isso significa que a assimilação não é uma mera reprodução ou repetição do texto tradicional, ela é uma nova criação da compreensão.

A estrutura especulativa da linguagem emerge não como reflexo de algo dado, mas como o vir à linguagem de uma totalidade de significado, que aponta para uma estrutura ontológica universal, isto é, para a natureza básica de tudo aquilo para o qual a compreensão pode ser direcionada. Uma vez que a relação humana com o mundo é absolutamente e fundamentalmente verbal em sua natureza e, assim, inteligível, a hermenêutica é, como vista por Gadamer, um aspecto universal da filosofia, e não somente a base metodológica das assim chamadas ciências humanas.

A metafísica da beleza, tal como compreendida pelos antigos (em grego beleza significa *kalon*) tem implicações para a investigação aqui proposta, diz o autor: estabelecer a origem ontológica da experiência hermenêutica do mundo. A beleza é, em si mesma, verdadeiramente radiante. O esplendor, portanto, não é somente uma das qualidades da beleza, mas constitui sua verdadeira existência. A beleza não é simplesmente simetria, mas aparência em si mesma. O belo possui o modo de existência da luz. Ao fazer uma outra coisa visível, a luz se torna visível em si, e não é visível de nenhuma outra forma do que ao fazer uma outra coisa visível. A luz no qual não apenas o domínio do

visível, mas também do inteligível é articulada, não é a luz do sol, mas da mente. Assim, a íntima relação que existe entre o iluminar através da beleza e a evidência da compreensão é baseada na metafísica da luz.

Compreender, portanto, não consiste em uma virtuosidade técnica da compreensão de tudo aquilo que é escrito. Antes, trata-se de uma experiência genuína, um encontro com algo que se afirma enquanto verdade. Através da investigação de Gadamer foi levantado o fato de que a correção alcançada pelo uso de métodos científicos não é suficiente para garantir a verdade, o que se aplica especialmente nas Ciências Humanas. Nas palavras do autor, o fato de que em tal conhecimento a existência do próprio conhecedor vem a jogo, mostra certamente os limites, do método, mas não da ciência. Antes, aquilo que a ferramenta do método não atinge precisa, e realmente pode, ser conseguido por uma disciplina de pergunta-e-resposta, uma disciplina que garanta a verdade.

#### NOTAS:

1 - Trabalho realizado a partir da obra de Hans-Georg Gadamer, *Verdade e Método*.

2 - O termo *Dasein* desenvolvido por Heidegger significa *realidade humana, ente humano*, a quem somente o ser pode abrir-se. Mas como é ambíguo, correndo o risco de abrir uma brecha para o humanismo, Heidegger prefere utilizar a expressão *ser-aí*. Na linguagem corrente, *Dasein* quer dizer existência humana. Mas Heidegger procura pensar o que separa o homem dos outros entes. Enquanto os entes são fechados em seu universo circundante, o homem é, graças à linguagem, *aí onde vem o ser*. Assim, *Dasein* é o ser do existente humano enquanto existência singular e concreta: "A essência do ser-aí (*Dasein*) reside em sua existência (*Existenz*), isto é, no fato de ultrapassar, de transcender, de ser originariamente ser-no-mundo.